

A INTERAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS COM QUEIXA DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES PARA PROFESSORES E PSICOPEDAGOGOS

Eliane Giachetto Saravali

RESUMO – Objetivo: Investigar a posição sociométrica de alunos com dificuldades de aprendizagem na inter-relação com seus colegas de sala. **Método:** Nossos sujeitos foram alunos de uma classe de 4ª série da rede pública do estado de São Paulo, indicados pela professora como sendo crianças com dificuldades de aprendizagem. O teste sociométrico objetivo foi aplicado no primeiro e no segundo semestre do ano letivo. **Resultados:** Os resultados apontaram para a baixa ou nenhuma escolha que as crianças com queixa de DA tiveram de seus colegas. Também foi analisado o histórico escolar da turma, bem como o julgamento que a professora faz em relação ao desempenho acadêmico e ao relacionamento interpessoal dos alunos. Os dados obtidos mostraram que nem sempre o julgamento da professora sobre o aluno coincide com a posição sociométrica que este ocupa no grupo, ressaltando a importância do teste sociométrico para um maior conhecimento das interações estabelecidas na sala de aula. Foi possível observar também que o julgamento que a professora faz do aluno com dificuldade de aprendizagem tem relação direta com o número de escolhas que este aluno obtém no teste sociométrico.

UNITERMOS: Transtornos de Aprendizagem. Relações interpessoais. Técnicas sociométricas.

INTRODUÇÃO

O campo de estudo referente às dificuldades de aprendizagem é bastante amplo. Para os que iniciam pesquisa nessa área acaba parecendo ambíguo e confuso pois, muitas vezes, não há

consenso sobre a definição e caracterização do termo *dificuldade de aprendizagem* (DA). No entanto, a cada dia vemos que cresce o número de alunos do nosso sistema de ensino caracterizados como tendo DA. Rapidamente, muitos

Eliane Giachetto Saravali – Pedagoga e Psicopedagoga; Doutora em Educação pela UNICAMP; Professora do Programa de Mestrado do Centro Universitário do Triângulo (UNIT) –Uberlândia – MG; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI.

Correspondência
Avenida dos Municípios nº407 – apto 301
Bairro Copacabana – Uberlândia – MG – Brasil
38411-044 – Tel: (34) 3210-0942 / (34)3228-7591
E-mail: egsara@uol.com.br

professores encaminham e rotulam crianças que não têm tido sucesso na escola. Tal fato tem encontrado ressonância no grande número de cursos de especialização em Psicopedagogia que formam o profissional que deverá lidar com as questões relacionadas ao processo de aprender. Assim, muitos professores esquivam-se de suas responsabilidades, transferindo-as para os psicopedagogos e psicólogos. Isso ocorre não somente pelo comodismo ou pela negligência dos educadores, mas também pela falta de (in)formação a respeito das questões referentes às DA, às formas de intervenção e ao papel da escola nesse processo.

A amplitude e a confusão terminológica das DA ocorrem em razão das diferentes influências que o campo sofreu, tais como a médica e organicista que procura relacionar as DA com problemas no funcionamento cerebral provocados por lesões, mau funcionamento ou desequilíbrio químico; a pedagógica ou escolar que procura associar as DA com questões metodológicas e didáticas; e aquelas ligadas a fatores psicológicos e a problemas relacionados ao processamento da informação.

Diante desse quadro, evidenciar um elo entre problemas de interação social, ou mesmo a existência de inaptações sociais e as DA é algo que não encontra unanimidade na literatura. Dependendo do enfoque adotado, alguns autores admitem ou não que estes problemas sejam as próprias dificuldades enfrentadas pelo sujeito. No entanto, um consenso que parece existir é o de que as DA podem gerar ou mesmo agravar problemas relacionados à adaptação social e à convivência.

A criança que desde cedo vivencia experiências de fracasso e insucesso - e percebe constantemente os julgamentos dos professores e dos próprios colegas da sala sobre os seus problemas com a aprendizagem - tende a formar aos poucos uma imagem negativa de si mesma. A repetição dessas situações certamente causa desconforto para o aluno que pode passar a desacreditar nas suas próprias capacidades e sentir-se altamente desmotivado em relação aos

estudos e à escola. Tal situação pode gerar uma instabilidade emocional bem como a dificuldade em formar vínculos afetivos e sociais. É possível também que a criança procure um meio para fugir dessa situação, como, por exemplo, apresentar mau comportamento em sala de aula, na tentativa de mudar o foco da incapacidade cognitiva para o da indisciplina e rebeldia. Há também casos em que o aluno, excluído ou sentindo-se excluído pelo grupo, simplesmente fecha-se assumindo uma posição de total rejeição.

A interação social é importante para o desenvolvimento humano. Jean Piaget (1896-1980) já a apontava como um fator do desenvolvimento, na medida em que o contato com o outro provoca a descentração do pensamento, criando a necessidade de coerência nas ações. Ou seja, temos a necessidade de trocar e conviver com o outro, como condição para o avanço cognitivo.

A partir dessas questões, o presente trabalho teve por objetivo central investigar as interações sociais que crianças, apontadas pela professora como alunos com DA, estabelecem no grupo da sala de aula do qual fazem parte¹.

Algumas questões nortearam nosso trabalho: Como estão esses alunos na sala? Como são vistos pelos colegas e pelos professores? Estão tendo possibilidades de interagir com os demais? Como percebem suas relações interpessoais? Nos tempos atuais em que a inclusão é assunto tão debatido, será que essas crianças estão incluídas no grupo da sala a que pertencem?

Para avaliarmos essa interação, baseamo-nos na Sociometria, criada por Moreno² e utilizamos o teste sociométrico objetivo no intuito de avaliar a posição que ocupam as crianças com dificuldades nas relações que estabelecem com o grupo. A Sociometria parece-nos um referencial bastante válido uma vez que busca compreender a real posição ocupada por alguém no grupo do qual faz parte. O teste sociométrico, que avalia as preferências dos membros do grupo em relação a diferentes critérios, permite-nos compreender melhor a rede de interação que se estabelece entre todos. Como escolhem e são

escolhidas as crianças que têm DA? Há diferença nestas escolhas conforme o critério sociométrico adotado?

A partir dessas reflexões, formulamos o seguinte problema de pesquisa: Qual a posição sociométrica observada em alunos com queixa de DA na inter-relação com os demais colegas da sua sala, conforme a análise dos resultados de um teste sociométrico objetivo?

Nossas inquietações buscavam dar conta de refletir e encontrar dados a respeito da relação das crianças com dificuldade e os demais colegas da turma. Estaria o rótulo da incapacidade atrapalhando o aluno no seu desenvolvimento cognitivo e também social e afetivo? Uma criança que está construindo sua própria imagem e é vista pelo professor e pelos colegas como alguém incapaz, nunca sendo, por exemplo, escolhida para realizar um trabalho escolar, não teria problemas na sua forma de se relacionar com as situações de aprendizagem? Tal avaliação negativa não influenciaria também as relações de amizade, afetivas e sociais, vivenciadas com os demais colegas da sala? São estas questões que pretendemos discutir.

MÉTODO

A metodologia de pesquisa empregada no presente estudo caracteriza-se pela pesquisa não-experimental ou *ex post facto*³. Neste tipo de pesquisa não há manipulação nem controle de variáveis, uma vez que o fato é investigado após sua ocorrência. Portanto, nossa proposta metodológica consistiu num trabalho diagnóstico e não de intervenção.

Nossos sujeitos foram alunos de uma classe de 4ª série da rede pública do município de Cosmópolis - SP. A sala de aula escolhida foi indicada pela professora como uma sala que possuía crianças com DA, dessa forma, os sujeitos foram caracterizados pela queixa de DA.

Os procedimentos empregados foram os seguintes: no mês de junho ocorreu a aplicação do teste sociométrico, bem como a coleta de observações sobre os alunos junto à professora

da sala e a análise do histórico escolar da turma.

Para a aplicação do teste, fazíamos um breve aquecimento com os alunos, com uma conversa informal e a apresentação de todos. Posteriormente, os alunos eram convidados a pensarem sobre questões afetivas e intelectuais. Assim, primeiramente deveriam pensar sobre qual colega da sala escolheriam para passear no shopping (escolha afetiva) e, em seguida, qual colega escolheriam para fazer uma lição difícil (escolha intelectual).

Para a obtenção das informações junto à professora, solicitamos que a mesma preenchesse uma tabela na qual deveria avaliar os alunos segundo o relacionamento interpessoal e o desempenho acadêmico, utilizando-se dos critérios P – péssimo, R – regular, B – bom, MB – muito bom e O – ótimo, além de indicar aqueles que, segundo ela, possuíam DA.

No mês de setembro, os mesmos procedimentos foram reempregados, ocorrendo também coleta de depoimentos dos alunos por meio de uma redação com o seguinte tema: Como é sua relação de amizade com seus colegas de classe?

RESULTADOS

Os dados obtidos mostraram que nem sempre o julgamento da professora sobre o aluno coincide com a posição sociométrica que este ocupa no grupo, isso ocorreu sobretudo em relação à avaliação que a professora fez a respeito do relacionamento interpessoal dos alunos. Nesse sentido, crianças que tinham boa avaliação para o relacionamento interpessoal, como por exemplo, conceitos O, MB e B, nem sempre foram bem escolhidas no teste sociométrico. Tal fato ficou bastante caracterizado em relação aos alunos com DA, que foram mal avaliados pela professora somente em relação ao desempenho acadêmico, porém foram pouco escolhidos tanto para ir ao shopping como para fazer a lição.

Os resultados dos testes sociométricos apontaram para a baixa ou nenhuma escolha que

as crianças com queixa de DA tiveram de seus colegas. São apresentados dois sociogramas da aplicação feita em setembro que retratam tal fato, as crianças com queixa de DA estão representadas pela cor cinza (Figuras 1 e 2)*.

Os conceitos utilizados no histórico escolar correspondiam a MB, B e I* *. A análise do

histórico constatou o baixo rendimento escolar da criança com queixa de DA, confirmando as observações da professora. As crianças com DA tinham I em pelo menos uma disciplina e poucos conceitos MB. As crianças que apresentavam os piores conceitos tiveram também o menor número de escolhas no teste.

A análise das redações não evidenciou questões relacionadas aos sentimentos de exclusão ou problemas no relacionamento interpessoal. Os conteúdos das redações* ** concentraram-se em:

- Uso de adjetivos: “É muito legal” “É muito boa”
- Descrição das atividades que mais gostavam de realizar com os amigos: “...Sempre me damos bem e, nós sempre jogamos handebol, pingue-pongue, queimada, amarelinha, esconde-esconde, pega-pega, etc.”

Somente um aluno, que não teve queixa de DA, apresentou uma redação cujo conteúdo retratava sentimentos envolvendo as relações de amizade: “Eu respeito eles, eu brinco do que eles quer brincar na hora que eles quer falar eu deixo eles também me respeita, nós não brigamos um com o outro não jogamos um jogo sujo e nós repartilhamos as nossas coisas.”

Destacamos a redação de uma criança com DA que não obteve nenhuma escolha na aplicação dos testes ao longo de toda a pesquisa: “Minha amizade e boa porque eu estou comendo a conversa pecando amisadi só com o nº 21 e com o nº 32 que eu já conversava mais da bom. Eu estou muito feliz acora porque eu estou comendo a anda com eles mo recreio estou princando pastanti. Eu choco pingui pong também bolinha de gudigudi é muito legal.”

Figura 1 – Sociograma da primeira escolha do critério afetivo: Qual colega da sala você levaria para passear no Shopping com você?

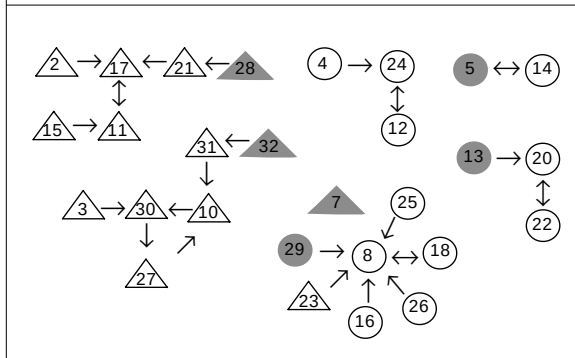
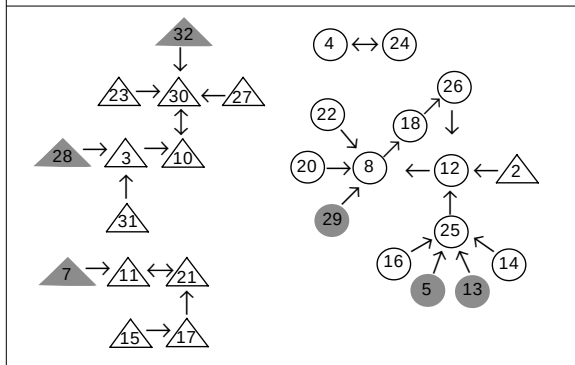


Figura 2 – Sociograma da segunda escolha do critério intelectual: Qual colega da sala você escolheria para fazer uma lição difícil com você?



*Nos Sociogramas, triângulos representam os elementos do sexo masculino e círculos os do sexo feminino; as setas indicam a quem correspondem as escolhas feitas pelos sujeitos. A fim de não possibilitar a identificação dos alunos, optamos por apresentá-los por meio de números.

**Os conceitos MB, B e I equivalem às notas de 8 a 10; de 5 a 7 e de 0 a 5, respectivamente.

***As transcrições foram feitas respeitando os textos originais, exatamente como eles foram escritos. Os nomes dos sujeitos foram substituídos pelo número correspondente ao utilizado no sociograma.

DISCUSSÃO

Os dados obtidos apontam para baixa ou nenhuma escolha que as crianças apontadas pela professora como alunos com DA tiveram dos seus colegas ao longo do ano, tanto para a escolha afetiva (quem você levaria ao shopping) como para a escolha intelectual (quem você escolheria para fazer uma lição). Apesar de outras crianças da sala também terem tido poucas escolhas, ressaltamos que dos 22 alunos que não têm DA, 13 tiveram quatro ou mais escolhas dos colegas ao longo da pesquisa e nenhum dos alunos com DA atingiu sequer três escolhas.

O fato do julgamento da professora a respeito das relações interpessoais nem sempre ter coincidido com a posição que as crianças ocupavam no teste demonstra a importância do uso desse instrumento para um maior conhecimento da turma, como o próprio Moreno² defendia. Os professores necessitam estar atentos a essas questões e observarem que quando seus alunos vão mal na escola, outros aspectos de suas vidas acabam sendo prejudicados também. Portanto, a aplicação do teste pode contribuir para um maior e melhor conhecimento dos alunos e da posição que ocupam em relação aos colegas da sala. O professor que já possui uma série de informações sobre seus alunos pode empregar o teste sociométrico como um instrumento a mais na compreensão, reformulação e reflexão sobre o que já conhece da turma. Essa reflexão deve conduzir a mudanças nas ações realizadas em sala de aula, na direção de aprimorar principalmente a organização do trabalho pedagógico, visando não somente o desenvolvimento da inteligência e a apropriação dos conteúdos, mas também o desenvolvimento afetivo e social dos alunos.

Ao analisar um sociograma da sua turma, o professor poderá ter um conhecimento maior, sabendo, por exemplo, sobre líderes e sobre rejeitados, enfim, crianças mais ou menos escolhidas. Uma ação bem direcionada poderá facilitar e até melhorar as relações interpessoais.

Não se trata de aproximar crianças que se escolhem, formar grupinhos com afinidades, mas sim de provocar a troca, o conhecimento e aceitação pela singularidade e especificidade. Assim, por exemplo, o professor pode organizar atividades em pequenos grupos que visem a participação de todos numa meta a ser atingida, pode valer-se menos de atividades coletivas, nas quais sempre uns terminam primeiro e outros nunca terminam e deixá-los mais juntos, trabalhando em grupo, trocando, conversando e ajudando-se enquanto fazem as atividades propostas, entre outras****.

Os projetos e temas abordados podem ser mais originais, saindo daquilo que usualmente é trabalhado e, muitas vezes, repete-se de ano para ano. Neste sentido, é possível trabalhar com temas relacionados, por exemplo, aos sentimentos dos alunos, suas atividades preferidas, hábitos, angústias, medos, visando ao conhecimento de todos os colegas com os quais se relacionam, ao respeito e à aceitação pela diferença, à amizade entre outros.

Os jogos de regras devem ser trabalhados visando à interação, à cooperação, à reciprocidade e até mesmo ao trabalho com conteúdos de uma forma prazerosa e lúdica.

O professor pode valer-se também da Psicologia Transpessoal ao buscar atuar mediante técnicas de relaxamento, de interiorização, de busca por pensamentos agradáveis, técnicas que envolvam o contato com o outro. Esse tipo de trabalho pode auxiliar as crianças nos relacio-

**** Mantovani de Assis e Assis⁵ apresentam uma proposta para a realização das atividades diárias dividida em atividades individuais, coletivas, em pequenos grupos e diversificadas. Nas atividades coletivas, há o mesmo objetivo a ser alcançado pela turma, por exemplo, ouvir uma história. Nas atividades diversificadas: há objetivos diferentes, conforme o lugar que a criança escolhe para trabalhar, por exemplo: produzir um texto, confeccionar um mapa, etc. Nas atividades em pequenos grupos, as crianças trabalham em grupos menores, buscando alcançar um objetivo, por exemplo, quatro crianças com a tarefa de fazer uma maquete. Nas atividades individuais o professor trabalha diretamente com uma criança a fim de acompanhar mais de perto o seu desenvolvimento. Esta proposta corresponde às orientações metodológicas do PROEPRE: Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

namentos, sobretudo no que se refere à aceitação de todos por todos, pois permite a autocompreensão, a autolimitação, a auto-avaliação e a auto-aceitação⁴.

Conforme observamos anteriormente, a visão da professora em relação ao relacionamento interpessoal nem sempre coincidiu com as eleições da turma. Todavia, em relação ao desempenho acadêmico, é importante ressaltar que, em muitas ocasiões, o julgamento da professora foi coincidente com as eleições das crianças na escolha intelectual. Tal fato, a nosso ver, caracteriza a grande influência que o mestre nessa faixa etária ainda exerce sobre a turma. Neste sentido, suas opiniões, seus julgamentos podem ser transmitidos por meio de olhares, palavras, gestos, decisões sobre os lugares que os alunos podem sentar-se, comentários, entre muitas outras ações. Os professores devem estar atentos para isso, ao confirmarem os resultados do teste que também é um bom instrumento para alertá-los a observar e reconsiderar seus alunos diante do grupo.

Todas as crianças que a professora apontou como tendo DA, foram pouco escolhidas nos critérios afetivo e intelectual. Quanto a este fato, é muito bom refletir sobre os sentimentos que essas crianças elaboram a respeito de si próprias. Uma criança que não tem sucesso na escola vai acumulando experiências de fracasso sucessivamente, percebendo-se negativamente em relação aos demais. Suas dificuldades em relação à aprendizagem tornam-se muito mais destrutivas, na medida em que tem dificuldade em fazer amigos, em relacionar-se, e aos poucos vai ficando à margem do grupo, formando uma imagem deformada de si mesma.

Recomendamos a utilização do teste sociométrico na sala de aula com algumas ressalvas. Moreno² defendia em nível clínico, não somente o diagnóstico, mas a intervenção no grupo; trabalhando muitas vezes com o teste perceptual, devolvendo os resultados aos membros do grupo e utilizando-se do Psicodrama para o tratamento do grupo. O trabalho com Psicodrama em nível pedagógico deve ocorrer por

meio da utilização de jogos dramáticos. Nossa pesquisa teve fins de diagnóstico num contexto educacional e não clínico e, portanto, não realizamos os demais procedimentos que Moreno² recomendava, apenas informamos a professora e a coordenadora pedagógica dos resultados ao final do trabalho.

Acreditamos que o teste possa ser utilizado no sentido de melhorar as relações sociais e afetivas estabelecidas pelo grupo, objetivando a inclusão e a participação de todos. Não é recomendada a devolução das respostas do teste ao grupo, pois acreditamos que isso só possa ser feito por um profissional com experiência e fundamentação na prática Psicodramática em área clínica. Um profissional sem este preparo pode, ao apresentar os resultados sobre as escolhas, ou mesmo numa análise do teste perceptual, causar grandes danos a alguns alunos que terão seus sentimentos de rejeição e de inadaptação social severamente agravados. Os resultados obtidos devem ser utilizados sigilosamente para melhorar o inter-relacionamento grupal.

As redações coletadas não retrataram o tema amizade e quase sempre referiram-se a descrições das ações que as crianças realizavam com os colegas. Notamos que nessas produções, toda vez que os alunos mencionaram as relações que têm com os colegas, as brincadeiras e jogos que têm prazer em realizar juntos, fizeram referência a atividades extra-sala, sobretudo no recreio e nas aulas de educação física. Isso nos alerta para a importância das crianças terem realmente oportunidade de estarem juntas, de cooperarem, de tomarem decisões que envolvam coordenações de diferentes pontos de vista e, sobretudo, de refletirem sobre estas questões.

O professor pode começar perguntando-se: em quantos momentos do dia seus alunos podem trocar e interagir? Sabemos que tais trocas são importantes não somente para a socialização como também para o desenvolvimento cognitivo. Será que ricos momentos de troca dentro da sala não estão sendo perdidos?

Piaget⁶ já refletia sobre essas questões e dizia que a escola tradicional conhece apenas um tipo

de relação social: a que se refere à ação do professor sobre o aluno. Neste sentido, o autor explicava que a vida social entre as crianças não é aproveitada dentro da sala de aula e que os trabalhos denominados de coletivos são, na verdade, uma justaposição de atividades, pois cada indivíduo faz o seu sem confrontá-lo, dividi-lo, coordená-lo, aprimorá-lo com os demais.

Portanto, acreditamos que o estudo sociométrico pode trazer grandes contribuições ao trabalho docente, visando maior e melhor interação entre os alunos.

CONCLUSÕES

Pretendemos com nosso trabalho e os resultados de nossa pesquisa oferecer reflexões acerca do papel da escola e dos professores diante das crianças com DA. Acreditamos também que psicopedagogos e os profissionais ligados à formação de professores, assim como demais interessados nas questões que tratamos, poderão beneficiar-se e inclusive realizar outras pesquisas a partir do que concluímos.

O papel da psicopedagogia institucional é estudar as modalidades de ensino-aprendizagem desencadeadas e/ou possibilitadas pela instituição escolar. Sua intenção é cuidar da prevenção e do enfrentamento de conflitos envolvendo a escolarização⁷. Dessa forma, o psicopedagogo atuará com todos os profissionais que cuidam da escola, na escola, e deverá promover a articulação entre eles, os alunos e suas respectivas famílias.

Entendemos que na medida em que se investiga sobre a interação social estabelecida pela criança com dificuldade de aprendizagem na sala de aula, muito se pode fazer para melhorar e contribuir diante de um quadro de exclusão ou rejeição, por exemplo. O psicopedagogo institucional deverá orientar a ação do professor e essa ocorrerá num nível preventivo e não somente remediador. As crianças que sofrem algum tipo de rejeição necessitam experimentar condutas sociais de confiança, segurança, encorajamento e aceitação. Esses tipos de condutas têm a grande meta de auxiliá-las a não se desencantarem com o aprender.

Nossos resultados indicaram que as crianças com DA sofrem rejeição e exclusão em relação a aspectos afetivos e cognitivos.

A inclusão social tão almejada e sonhada perpassa pelos bancos escolares, que desde cedo devem promover a inclusão escolar de TODOS os alunos e não somente daqueles que possuem necessidades educativas especiais. A escola, depois da família, é a instituição que irá introduzir a criança no mundo social e este pode ser acolhedor e voltado para o diálogo ou tremendamente segregador e excludente.

As ações dos professores devem caminhar ao encontro das necessidades dos alunos, necessidades estas relacionadas ao seu desenvolvimento não somente cognitivo, mas afetivo, social e motor. Portanto, estar atento ao que realmente ocorre com o aluno na sala e atuar em prol de uma melhor interação é papel fundamental do educador.

As inúmeras experiências de fracasso podem levar o aluno a formar uma imagem negativa de si mesmo, a ter medo do desafio, a se desinteressar pelas atividades escolares entre outros aspectos indesejáveis. Diante deste quadro, suas relações com os colegas podem vir a serem prejudicadas, acentuando-se ainda mais o problema.

Portanto, se a escola mantiver uma postura seletiva, com ênfase somente no rendimento acadêmico, pode influenciar e reforçar a inadaptação do aluno, culminando muitas vezes, mais tarde, no atraso mental, na delinquência ou em sociopatias múltiplas⁸. Sobre isso vale ressaltar que pesquisas recentes apontam que um grande número de adolescentes e adultos envolvidos na criminalidade, ou até mesmo no uso de drogas, tiveram uma história escolar complicada caracterizada por dificuldades na escola primária, autoconceito negativo, exclusão social entre outros⁹.

Acreditamos que tais reflexões devam ser ampliadas para todos os níveis de escolaridade, não somente para séries iniciais do ensino fundamental, mas para nossos alunos do ensino médio e superior.

Em nossa sociedade convivemos com a intolerância e as guerras são destaques nos noticiários. Ora, não podemos esquecer que a sociedade da diversidade começa na escola e que uma segregação que já se inicia nas carteiras escolares, tão cedo, é muito perigosa.

Precisamos aprender a aprender juntos, acessar juntos o conhecimento. Não se trata de compensar as diferenças, todos devem ver-se como diferentes e singulares e não somente ver o outro como diferente. A educação e a escola devem ser espaço para emoção e convivência. No espaço escolar deve predominar o diálogo, o afeto,

a valorização dos sentimentos alheios. Deve-se buscar a aceitação e rechaço pela rejeição mediante uma participação ativa e prazerosa na sala de aula, compreendendo e acolhendo, ensinando os alunos a terem uma atitude mais flexível e cooperativa em relação aos outros, valorizando as capacidades de cada um.

Queremos estar contribuindo para que os professores encontrem meios para transmitir aos seus alunos os fundamentos do ensino democrático, o reconhecimento do colega na sua diferença, na sua alteridade, chaves fundamentais para uma vida em sociedade.

SUMMARY

The social interaction of children with suspected learning disabilities: reflections for teachers and psychopedagogues

Objective: The central objective of this work consisted in investigating the sociometric position of students with learning disabilities in when inter-relating with their school-mates. **Method:** Our individuals were students from a fourth grade of a school of the Public State Schools, and they were indicated by the schoolteacher as being children with learning disabilities. The objective sociometric test was applied in the first and in the second terms of the school year. **Results:** The results pointed in the direction of a low or none choice the children with learning disabilities have of their school-mates. The school-historic of all the schoolroom was also analysed, as well as the judgment the schoolteacher made in what concerns the academic performance and the interpersonal relationship among students. The results have shown that it is not always that both coincide - the schoolteacher judgment about a student and his sociometric position in the schoolroom, enhancing the importance of the sociometric test in order to achieve more knowledge of the interactions set up in the schoolroom. It was also possible to observe that the judgment the schoolteacher makes with learning disabilities has a direct relation to the number of choices this student obtains in the sociometric test.

KEY WORDS: Learning Disorders. Interpersonal relations. Sociometric techniques.

REFERÊNCIAS

1. Saravali EG. Dificuldades de aprendizagem e interação social. [Tese de Doutorado] Campinas:Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas;2003. 166p.
2. Moreno JL. Fundamentos de la sociometría. Buenos Aires:Paidós;1972. 443p.
3. Kerlinger FN. Metodologia da pesquisa em ciências sociais. 5 ed. São Paulo: EPU,1980. 398p.
4. Dias VF. Ansiedade e agressividade infantil sob o enfoque da psicologia transpessoal: uma interpretação kirliangráfica. [Dissertação de Mestrado] Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas;1999. 120p.
5. Mantovani de Assis OZ, Assis M. Proepre: prática pedagógica. Campinas: UNICAMP/FE/LPG,1999. 341p.
6. Piaget J. Psicologia e Pedagogia – as respostas do grande psicólogo aos problemas do ensino. 9 ed. São Paulo: Forense; 1988. 184p.
7. Noffs NA. Psicopedagogo na rede de ensino – a trajetória institucional de seus atores-autores. São Paulo:Elevação;2003. 180p.
8. Fonseca V. Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2 ed. Porto Alegre:Artes Médicas;1995. 394p.
9. Topczewski A. TDA/TDHA em comorbidades com dislexia. In: VII Simpósio Nacional Dislexia, Cognição e Aprendizagem com Ênfase em Educação. São Paulo;2003.

Trabalho integra tese de doutoramento da autora, desenvolvida na Faculdade de Educação da UNICAMP,Campinas, São Paulo.

*Artigo recebido: 07/07/2004
Aprovado: 16/08/2004*

